

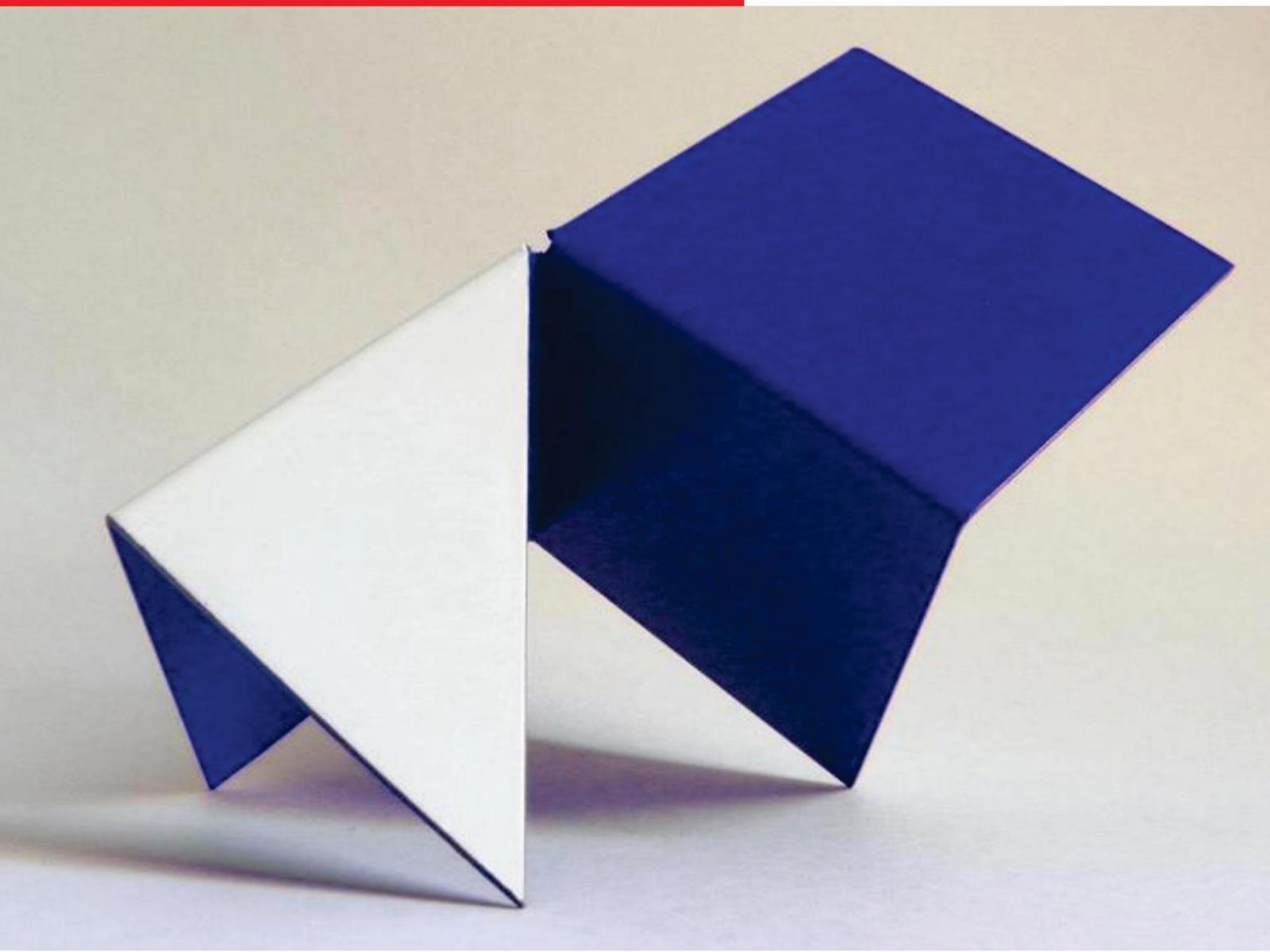
REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 04, Nº 01 - MARÇO - 2019

ISSN 2448-1793

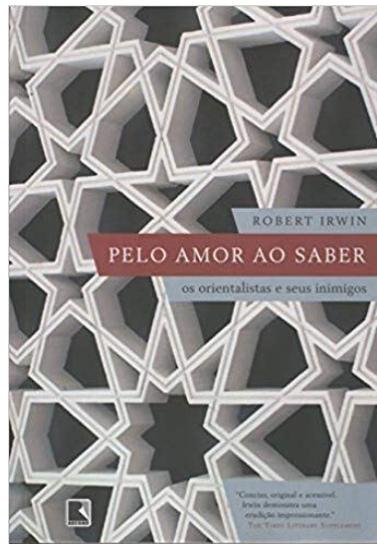
MLCS



Resenha

A polêmica...

A POLÊMICA ENTRE OS ORIENTALISTAS SAID E IRWIN



Pelo amor ao saber: os orientalistas e seus inimigos.
Robert Irwin. São Paulo: Record, 2008.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5929520>

Envio: 20/01/2018 ♦ Aceite: 14/02/2018

Ademir Luiz da Silva



Professor da UEG, no TECCER e nos cursos de História e Arquitetura e Urbanismo.

“Sugeri ao Facebook que troque a frase ‘No que você está pensando?’ / Quem te disse que nós escrevemos o que pensamos? / O que pensamos não pode ser escrito aqui.”

(Abud Said, em “O Cara mais esperto do Facebook”, pg. 24)

Há poucas coisas mais divertidas do que observar as reações viscerais dos fãs de intelectuais pop quando eles são acusados de charlatanismo. Trata-se de um fenômeno inevitável. Todo intelectual, escritor, filósofo ou pensador que fica famoso, famosinho ou famosíssimo, em algum momento, vai ser acusado de ser um farsante. É o preço da celebridade. Foi assim com Harold Bloom, Lacan, Derrida e até gigantes aparentemente acima de qualquer suspeita, como Churchill, tem seus apostatas. É importante destacar que essas acusações de charlatanismo é algo muito diferentes do que fizeram Paul Johnson, em “Os Intelectuais”, e Roger Scruton, em “Pensadores da Nova Esquerda”, quando apontaram equívocos e contradições em figuras como Rousseau, Marx, Tolstói, Gramsci e Thompson. Via de regra, com notáveis exceções, não negam o talento, a erudição ou as realizações dos criticados. Limitam-se em colocá-las em perspectiva. Scruton chega a definir Sartre e Foucault como gênios que, estranhamento, chegaram a conclusões erradas.

Charlatanismo é outra coisa. Charlatanismo não é errar, charlatanismo é saber-se errado e capitalizar o erro. Seja por ganância, deslumbre, vaidade ou simplesmente por não ter hombridade suficiente para permitir-se voltar atrás.

É essa a acusação que Robert Irwin faz contra o célebre intelectual e galã árabe Edward W. Said no livro “Pelo Amor ao Saber – Os Orientalistas e Seus Inimigos”, lançado no Brasil pela editora Record. Na verdade, a obra de Irwin não é necessariamente sobre Said, tampouco uma resposta ao livro “Orientalismo”, trabalho que deu fama internacional a Said e tornou-o uma espécie de “dono do tema” entre os leitores não

especializados. A pesquisa de Irwin trata do orientalismo em si, seus desdobramentos históricos e situação contemporânea. Fatalmente acaba chegando em Said no capítulo nove, intitulado “Uma investigação sobre a natureza de uma polêmica do século XX”. Essa resenha se concentra nesta parte do livro.

Logo na abertura do capítulo Irwin descreve nos seguintes termos seu personagem: “Edward Said, falecido em 25 de setembro de 2003, tinha muitos amigos e ainda mais admiradores. Era bonito e estava sempre bem trajado. Também era elegante, sensível, espirituoso, erudito e culto. Tocava piano e tinha um conhecimento excepcional de música clássica. Era um crítico literário sutil e respeitado. Sendo ele próprio um intelectual, sempre encarou com extrema seriedade os deveres do intelectual. Foi também um defensor incansável dos direitos dos palestinos” (p. 323–324). Talvez o próprio Said, vaidoso como era, aprovasse a descrição aparentemente apologética. No livro “Representações do Intelectual”, onde foram publicadas suas participações na série radiofônica Conferências Reith, realizadas em 1993, fica claro sua intenção de ser um pensador atuante, engajado, e não apenas um autor de gabinete ou sala de aula. Para Said, o trabalho intelectual deveria ser um ofício posto em evidência e ele mesmo se sentia muito à vontade para exercer esse papel de divulgador de ideias e ideais. Outras obras, como “Cultura e Imperialismo” e “Reflexões Sobre o Exílio”, sedimentam tal perspectiva. Mas a descrição de Irwin vai além, captando intenções personalistas por trás dos discursos nobres. O Said que descreve é uma celebridade pop que, quase por acaso, atuava no campo intelectual. Frequentava tantas festas badaladas quanto bibliotecas e arquivos.

Para Irwin, Said só se tornou essa figura destacada, frequentadora de listas de convidados VIPs nos mais diversos eventos sociais, porque canibalizou décadas de pesquisas sérias quando lançou “Orientalismo”, em 1978. O livro deu-lhe status de porta-voz para uma questão que ganhava cada vez mais destaque na imprensa

internacional, a Causa Palestina. Como bônus, amealhou fama de incorruptível ao se opor ao regime corrupto e opressor de Yasser Arafat.

A ideia central de “Orientalismo” é analisar a visão ocidental dominante acerca do Oriente, destacadamente do mundo árabe. Para servir aos interesses colonialistas, o Ocidente, por meio de vasta produção de textos literários, oficiais e religiosos, teria criado uma imagem distorcida do Oriente, escondendo-o atrás da máscara do “Outro”, do exótico, da ameaça. Combater essa imagem distorcida era a missão auto imposta de Said. Parece justo, justíssimo. Mas, segundo Irwin, apesar de Said ser um bom garoto propaganda, sua reputação não possuía bons fundamentos. Para ele “‘Orientalismo’ dá a impressão de ser um livro escrito às pressas. É repetitivo e contém muitos erros factuais”. Difícil discordar diante dos argumentos apresentados ao longo do capítulo. Mesmo o admirador mais fiel não consegue manter-se inabalado, salvo se sofrer de desonestidade intelectual crônica.

Said não era reconhecido como pesquisador especializado nas relações entre Oriente e Ocidente quando lançou o livro. Soou como oportunismo para parte considerável da comunidade acadêmica. A recepção inicial foi relativamente hostil. Orientalistas respeitados como Bernard Lewis e Donald Little fizeram sérias e ponderadas objeções. Porém, com o tempo, e a ajuda do charme e das relações interpessoais do autor, pouco a pouco o livro foi sendo reconhecido até chegar ao ponto de se tornar referência e ser cultuado nos círculos acadêmicos, que regularmente arvoram ser mais bem informados do que de fato são. O público principal da obra era composto por “pessoas que não eram orientalistas e não detinham conhecimento especial sobre o tema” (p. 347).

Irwin acusa Said de cair na própria armadilha ao se recusar a dialogar ou dar crédito a eminentes pesquisadores árabes. Ao condenar o silenciamento dos orientais, ajuda a silenciá-los ele mesmo. Há fragrantíssimas falsificações históricas. Irwin denuncia que

“os persas, que sob o comando de Ciro, Dario e Xerxes construíram um império poderoso e tentaram acrescentar a Grécia a esse império, não foram acusados de imperialismo por Said. Pelo Contrário, eles foram apresentados como vítimas trágicas e inocentes de descrições enganosas por parte de dramaturgos gregos” (p. 333). Said mede os fatos pela régua dos interesses políticos imediatos.

“Orientalismo” é pomposo, contraditório, anacrônico e confuso. Lembrando a expressão cunhada por dois experientes caçadores de charlatões, Sokal e Bricmont, autores do demolidor “Imposturas Intelectuais”, Irwin escreve que “nem tudo o que é obscuro é profundo”. Para ele, “Grande parte do obscurantismo em ‘Orientalismo’ decorre das frequentes referências de Said a Gramsci e Foucault. Said procura reunir esses dois ‘maitres à penser’ a serviço da demolição do orientalismo. Tarefa difícil, tendo em vista que Foucault e Gramsci têm noções diferentes e contrastantes do discurso. A noção de Foucault sobre o discurso, ao contrário da de Gramsci, é a de algo a que não se pode opor resistência” (p. 336). Menos do que tecer as tramas eruditas de um harmônico tapete persa, Said teria costurado uma colcha de retalhos de citações.

Outras acusações são meros jogos retóricos. Por exemplo, se por um lado Said insiste que o Oriente não existe, que é apenas uma criação do Ocidente, Irwin retruca que “se de fato o Oriente não existisse, não deveria ser possível descrevê-lo erroneamente” (p. 339). Mas Irwin não é leviano e pergunta-se intrigado “se o livro de Said é tão falho quanto creio que seja, por que ele atraiu tanta atenção e obteve tanto louvor em determinadas esferas? Não sei ao certo qual poderia ser a resposta correta” (p. 359). Suspeita que a evocação de nomes da moda como Foucault e Gramsci ajudou a chamar atenção, bem como “valeu-se da culpa e das aflições do Ocidente quanto a seu passado imperialista” (p. 359), mas não é taxativo. Na verdade, mantém o tom mais respeitoso que consegue.

A seriedade e comprometimento de Irwin são tão evidentes que tornam pueris as duas respostas padrão dos fãs de celebridades atacadas: “ele não leu direito o autor” ou “isso é pura inveja”. Certamente, Irwin leu Said muito bem. Se foi movido pelo execrável, mas humano, sentimento da inveja, conseguiu disfarçar satisfatoriamente. Robert Irwin não é um intelectual pop como Said, mas possui um currículo respeitável, sendo autor de vários livros, incluindo obras de ficção, é membro da Royal Society of Literature e pesquisador-sênior adjunto da School of Oriental and African Studies. Mas o que o moveu? O título de seu livro parece conter a resposta. Se Irwin foi motivado por algo, parece ter sido “pelo amor ao saber”. E muitas vezes amar algo significa combater aquilo que o vilipendia.

No computo final, a impressão que fica é que “Orientalismo”, no máximo, serviria como livro paradidático de divulgação científico, e mesmo assim precisaria passar pelas mãos de um bom editor, um editor sem pena de usar a tesoura.

Said discordaria ferozmente. Costumava descartar os ataques “como a atitude defensiva da ‘corporação’ dos orientalistas”. Simplesmente não aceitavam que ele tivesse escrito o livro definitivo sobre o assunto. Mesmo diante de provas irrefutáveis se recusava a corrigir erros cronológicos ou factuais nas edições seguintes. Para Said, e esse julgamento é meu, não de Irwin, o texto original de “Orientalismo” era definitivo e intocável, como o do Corão, que já existia antes do tempo existir.

Apesar de tudo, Irwin não é intransigente e reconhece méritos no livro de Said. Não sem sua ironia fina costumeira. Escreveu que “as qualidades positivas de ‘Orientalismo’ são as de um bom romance. Ele é emocionante, está repleto de vilões sinistros, bem como de um número bastante menor de mocinhos e o quadro que ele apresenta do mundo provém de uma rica imaginação, mas em sua essência é ficcional” (p. 359). Em outras palavras, um bom conto das mil e uma noites.

